

NOTAS SOBRE A FORMAÇÃO INTELECTUAL E POLÍTICA DE ANTONIO CANDIDO

NOTAS SOBRE LA FORMACIÓN INTELECTUAL Y POLÍTICA DE ANTONIO CANDIDO

NOTES ON THE INTELLECTUAL AND POLITICAL FORMATION OF ANTONIO CANDIDO

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v16i2.58264>

Vinícius Victor Araujo Barros¹

Resumo: Este artigo visa discutir a formação intelectual e política de Antonio Candido, um dos grandes intérpretes da cultura brasileira. Inicialmente, aborda-se a formulação geral das ideias do crítico literário, referenciando algumas personalidades que tiveram destaque em sua vida, assim como os contextos em que esses indivíduos atuaram e a influência que exerceram, em certa medida, na formação do seu espírito crítico e na sua relação com o marxismo. Posteriormente, o artigo se apoia em uma divisão esquemática definida pelo próprio Candido, visando compreender as continuidades e descontinuidades do materialismo histórico dialético como uma linha teórica que perpassa todo este itinerário de formação intelectual.

Palavras-chave: Antonio Candido. Formação. Marxismo. Literatura Brasileira. Cultura Brasileira.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo discutir la formación intelectual y política de Antonio Candido, uno de los grandes intérpretes de la cultura brasileña. En un principio, se aborda la formulación general de las ideas del crítico literario, haciendo referencia a algunas personalidades destacadas en su vida, así como a los contextos en los que estos individuos actuaron y la influencia que ejercieron, en cierta medida, en la formación de su espíritu crítico y su relación con el marxismo. Posteriormente, el artículo se apoya en una división esquemática definida por el propio Candido, con el objetivo de comprender las continuidades y discontinuidades del materialismo histórico dialéctico como una línea teórica que atraviesa todo este itinerario de formación intelectual.

Palabras clave: Antonio Candido. Formación. Marxismo. Literatura Brasileña. Cultura Brasileña.

Abstract: This article aims to discuss the intellectual and political formation of Antonio Candido, one of the great interpreters of Brazilian culture. Initially, it addresses the general formulation of the literary critic's ideas, referencing certain personalities that stood out in his life, as well as the contexts in which these individuals acted and the influence they exerted, to some extent, on the formation of his critical spirit and his relationship with Marxism. Subsequently, the article relies on a schematic division defined by Candido himself, aiming to comprehend the continuities and discontinuities of dialectical historical materialism as a theoretical line that runs through this entire path of intellectual formation.

Keywords: Antonio Candido. Formation. Marxism. Brazilian Literature. Brazilian Culture.

Preâmbulo

É certo que as ideias não surgem no vácuo do decurso humano; na verdade, elas são influenciadas pelos processos socio-históricos e por diversas outras circunstâncias, sejam objetivas ou subjetivas. Indissociáveis das mais diversas condicionantes, as ideias (entendidas aqui no sentido mais amplo possível) surgem, se desenvolvem e desaparecem de maneira igualmente diversificada e de difícil precisão. Sendo assim, identificar a raiz primordial de qualquer tipo de pensamento, se é que isso é possível, não apenas representa uma tarefa hercúlea, mas também um empenho de utilidade questionável — especialmente quando o objeto em questão não necessariamente adere a exclusividades ou normativas teóricas e críticas, como é o caso da trajetória intelectual de Antonio Candido. Nesse sentido, especular sobre a gênese de alguns dos pressupostos estéticos e políticos marxistas per si no conjunto da obra do autor, até onde entendemos, não incide luz nova sobre qualquer faceta porventura ainda inédita. Pelo contrário, a avaliação de qualquer relação imediata ou determinada tende a obscurecer algumas das linhas de força que consideramos fundamentais para o pensamento dialético que caracterizou o trabalho e a conduta candidiana.

No entanto, contextualizar algumas balizas históricas marcantes, enquanto se propõe observar a atuação e a importância de certos segmentos sociais e personalidades destacadas na formação de Antonio Candido, pode ser interessante por diversos motivos, tais como: I) desfazer uma visão superficial de compartimentalização e isolamento das ideias, na qual a figura intelectual sobressairia como uma espécie de demiurgo alheio aos seus pares e à realidade cotidiana que o cerca; e II) esclarecer possíveis conexões entre o pensamento crítico, a sociedade e o contexto histórico que talvez os tenha influenciado e direcionado de maneira ainda pouco discutida. Trata-se, na verdade, de um movimento que busca conectar as singularidades das partes (as ideias) com o conjunto ao qual pertencem (a sociedade). Em outras palavras, estamos lidando com uma abordagem crítica que, na medida do possível, busca compreender uma certa totalidade e, para isso, se posiciona no eminente ângulo da interação dialética entre os elementos constituintes de um mesmo objeto, a saber, a relação de afinidade entre as ideias de Candido e o materialismo histórico dialético.

Nessa perspectiva, ao longo da obra de nosso crítico, como observou Leandro Konder (1992, p. 319, grifo nosso), a relação entre as ideias e a sociedade não necessariamente decorreu de influências diretas de fatores externos, nem mesmo de pressões oriundas das circunstâncias históricas e sociais imediatas: “resulta, antes, de uma certa *vocação dialética* para a universalidade”. Isso significa, conforme ficará claro, que Candido soube cultivar um riquíssimo quadro de referências, capaz de levar em conta o que se produziu de útil, avançado e coerente nas mais diversas áreas do conhecimento, seja nacional ou internacional, contemporânea ou clássica. Tudo isso, no entanto, sem jamais se curvar a qualquer espécie de cópia servil de modelos, fórmulas ou prescrições teóricas que, por algum motivo, se mostravam momentaneamente mais prestigiadas do que outras. Isso só foi possível, em grande parte, por certa percepção por parte do crítico de que o Brasil, apesar de sua posição periférica em relação aos grandes centros produtores de conhecimento, não representava um elemento isolado no concerto das nações. Assim, o que ocorria na cultura de nosso país estava (e está), de algum modo, inevitavelmente relacionado ao que acontece em outros lugares e contextos, todavia com consequências e implicações bastante distintas.

Essa abordagem intelectual, da qual Candido é um dos grandes representantes nacionais, mantém como desafio próximo a difícil missão de promover uma síntese coerente e funcional capaz de contemplar as especificidades de nossa formação socio-histórica, sem que isso resulte em qualquer tipo de rebaixamento, compartimentalização ou simplificação das ideias e do senso crítico. De acordo com o que Leandro Konder (1992, p. 319) sublinha acerca do aspecto de totalidade dessa visada, “só quem consegue ter uma certa percepção do conjunto é que pode avaliar a dimensão e a exata significação de cada uma das partes”. Quer dizer, avesso a qualquer tipo de multiculturalismo exacerbado ou nacionalismo tacanho, a amplitude do pensamento candidiano sempre procurou evitar que “a atenção dada a cada uma das árvores nos impedisse de enxergar a floresta”, pois, se não houver espírito crítico, não há efetiva assimilação (KONDER, 1992, p. 319).

O radicalismo, a Universidade e a conduta do intelectual

Antonio Candido de Mello e Souza nasceu no Rio de Janeiro, capital, em 1918; entretanto, é mineiro de criação, tendo passado a maior parte da infância no sul do estado, entre Santa Rita de Cássia e Poços de Caldas. Ainda assim, por conta de sua formação, o autor costumava se identificar como paulista, uma vez que, no fim da adolescência, em 1936, se mudou para a cidade de São Paulo com o intuito de ingressar no ensino superior e fazer carreira. Filho de uma tradicional, porém em declínio, família de fazendeiros mineiros por parte paterna, e proveniente das camadas médias da burocracia estatal carioca por parte materna, o autor lembra que cresceu em um ambiente cultural privilegiado. Sendo seu pai “um liberal com muita curiosidade pela esquerda”, Candido (1993a, pp. 585-586) recorda que havia na biblioteca particular da família tanto livros de esquerda, de autores como Lenin, Trotsky, Kautsky e Landau-Aldanov, quanto obras de direita como as de Azevedo Amaral, Otávio de Faria e os integralistas.

Por conta da profissão do pai, que era médico, os primeiros anos da família Mello e Souza foram marcados pelo trânsito entre as grandes cidades e o interior do país. Por conta disso, Candido passou a primeira infância em uma espécie de entrelugar: por um lado, a vida pacata, religiosa e conservadora típica da parentela interiorana e, por outro, imerso na agitação turbilhonante política e cultural dos grandes centros urbanos que o atraía especialmente. Esse movimento pendular entre ritmos e modos de vida tão distintos, ao contrário do que se poderia imaginar, culminou em um singular equilíbrio de comportamentos, algo que, em certa medida, pode ter se refletido tanto na personalidade quanto no exercício da profissão escolhida pelo autor: a docência. Para Davi Arrigucci Jr. (1992, p. 182), um dos vários alunos de destaque de Candido, tal equilíbrio se refletia no trato do mestre durante a exposição de suas aulas; ocasião em que a oralidade controlada da fala se revelava em uma prosódia elegante, dotada de uma ponta de ironia bem-humorada de quem ensina mesmo o mais complexo dos assuntos, como quem conta um “causo” mineiro. A mesma perspectiva é compartilhada por outra aluna, Ligia Chiappini (1999, p. 59), que identifica o equilíbrio também no ato da escrita ensaística do professor; ocasião em que, segundo ela, sobressai a junção entre o fácil e o difícil, o tradicional e o moderno, resultando, assim, em uma verdadeira obra aberta, em um “pensamento em processo, que está sempre examinando, Tateando, retomando”.

No ano de 1928, então com dez anos de idade, Candido embarca com sua família para a França, onde o pai, contratado pelo governo de Minas Gerais, buscava formação complementar. A viagem marcou profundamente a família, o que levou Candido (2002b, p. 151) a afirmar que “talvez essa viagem tenha sido a coisa mais importante da minha vida intelectual”. Durante o período na Cidade Luz, aprendeu a língua, cultura e história do país com sua preceptora, mademoiselle Marie Rohfls de Sussex. Católica, monarquista e muito conservadora, Marie é uma das três mulheres que exerceram influência fundamental na primeira parte da vida e da formação intelectual do jovem Antonio Candido.

A segunda dessas mulheres, e talvez a de maior impacto na vida do autor, é a imigrante italiana Teresina Carini Rocchi, com quem Candido conviveu, em Poços de Caldas, de 1931 até o ano de sua mudança para São Paulo, e com quem manteve contato até a morte dessa, em 1954. Com tendências de esquerda, especificamente anarquistas, e postura antifascista, nas pequenas crônicas biográficas que o autor dedica à amiga no livro *Teresina etc.*, de 1980, a imigrante é sempre descrita como uma “figura obrigatória nas reuniões operárias, nas sessões culturais populares, nos movimentos reivindicatórios e de solidariedade, mas também nas conferências, cursos e concertos da burguesia” (CANDIDO, 2007a, p. 22). Para além dos livros e da cultura italiana de modo geral, Teresina Rocchi apresentou ao jovem algumas convicções políticas que posteriormente seriam da maior importância para a ideia de um socialismo amplo e de “concepção integral” que o autor irá desenvolver no decorrer de sua trajetória como intelectual e militante. Tais convicções, na perspectiva inspirada pela italiana, superavam as meras manifestações de pensamento e ações necessariamente partidárias; elas implicavam ainda em uma espécie muito singular de ética e de sentimento que se concretizava no desenrolar da própria prática cotidiana, algo que poderia ser entendido como uma “conduta” pautada pelas ideias de esquerda. No entender de Candido,

Teresina ilustrava de maneira admirável o que é ‘ser socialista’, — aparentemente um paradoxo, porque em geral focalizamos, no socialismo, o pensar e o agir, enquadrados em organizações ou produzindo atos e obras especificamente políticos. Isto faz esquecer que devem existir também os sentimentos e a *ética de um socialista*. Ela passou a maior parte da vida fora da ação partidária, vivendo os últimos quarenta anos quase isolada politicamente numa cidade pequena. Talvez esta circunstância haja estimulado a densa precipitação de um ‘modo de ser’, segundo o qual a revolução se torna concepção integral, iluminando e condicionando o pormenor dos atos e a tonalidade da vida. À sua maneira, foi, portanto, uma revolucionária, embora a mais complexa que se possa imaginar, englobando fraternalmente as ideologias do contra de Rousseau a Lênin. A sua grande força foi a coerência com que abrigou todas essas camadas sem fazer confusão, absorvendo dois séculos de pensamento libertador e outras modalidades que reinterpretava conforme este (CANDIDO, 2007a, pp. 33-34, grifo nosso).

É interessante observar que esse particularíssimo “*ethos* socialista”, capaz de englobar fraternalmente complexas “ideologias do contra”, é uma característica reveladora tanto da personalidade de Teresina, quanto daquilo que viria a ser a conduta e a prática intelectual do próprio Antonio Candido. Trata-se, conforme ficará claro no decorrer da formação do autor, de uma visão de mundo *in nuce* que defendia como inegociável a liberdade de pensamento e que rechaçava qualquer tipo de dogma ou teoria absoluta, prezando sempre pela autonomia. Curiosamente, a defesa do pensamento autônomo seria uma constante compartilhada também por outras figuras centrais na vida de Candido, como, por exemplo, os amigos da revista *Clima*, em especial Paulo Emílio Salles Gomes, e os mestres franceses da USP.

A figura da imigrante italiana contrasta com a de uma terceira mulher notável na vida de nosso autor. Trata-se da professora Maria Ovídia Junqueira, com quem, a partir de 1930, Candido tomou aulas no chamado curso de admissão, que precedia o ginásio. Durante os anos seguintes, mesmo após o seu ingresso, nosso autor continuaria aluno de Maria Ovídia, aprendendo com ela a língua inglesa, além de tomar lições introdutórias à cultura do mundo anglo-saxônico. Segundo as memórias de Candido (1993a, pp. 582-582), a professora “possuía uma biblioteca excelente, onde pela primeira vez vi no original as obras de Shakespeare, Dickens, Thackeray”.

É neste período de infância mineira, ainda durante o ginásio, que Candido faz suas primeiras leituras marcantes sobre política e sociologia. Sob a influência dos irmãos Bonifácio e Antônio Carlos de Andrada, o autor tem contato com obras clássicas do pensamento social, como: *Casa-grande & senzala* (1933), de Gilberto Freyre, e *A história do socialismo e das lutas sociais* (1922), de Max Beer, além da coleção Brasileira publicada pela Companhia Editora Nacional.

Em 1936, Candido se muda para a capital São Paulo com o intuito de ingressar no curso de Medicina e seguir a mesma carreira do pai. Entretanto, reprova no exame e, no ano seguinte, se dedica ao curso preparatório da 1ª seção do Colégio Universitário na Faculdade de Direito para, só então, após dois anos, ingressar em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. Por exigência do pai, que desejava ao filho uma profissão menos incerta, acabou ingressando também, em 1939, no curso de Direito, na mesma instituição.²

O período em que o crítico dá os primeiros passos na vida acadêmica e começa a definir os contornos de sua formação intelectual liga-se diretamente ao contexto de dinamização da cultura brasileira, em especial a paulistana. Tal agitação foi ocasionada, em grande parte, por aquilo que João Luiz Lafetá (2000, pp. 157-167) chamou de “rotinização” do movimento modernista, bem como pela iniciativa pioneira de Mário de Andrade que, entre 1935 e 1938, sob o comando do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, proporcionou um sem número de atividades culturais por toda a cidade, inclusive nas periferias. No plano cultural, em parte graças ao Modernismo, o decênio de 1930 foi marcado por certo inconformismo e anticonvencionalismo, interpretados mais como direito do que como uma transgressão ou singularidade artística. Já no campo específico da arte literária essa ebulição foi ainda mais flagrante do que em qualquer outro campo da cultura paulista, pois, como Candido (2017a, p. 224) bem percebeu, ocorreu o “enfraquecimento progressivo da literatura acadêmica; da aceitação consciente ou inconsciente das inovações formais e temáticas; do alargamento das ‘literaturas regionais’ à escala nacional; da polarização ideológica”.

Já no plano socio-histórico do país, data deste mesmo período, a primeira metade do século XX, o acirramento entre diversas tendências ideológicas, principalmente as tensões entre o fascismo e o socialismo. A proeminência dessas orientações, como não poderia deixar de ser, incorreu em uma considerável polarização política que atingiu grande parte da sociedade, principalmente os intelectuais, que se dividiram, basicamente, em grupos de esquerda e direita numa radicalização jamais vivenciada. Nesse contexto, ressalta-se ainda o importante papel da Revolução de 1930, também conhecida como Movimento

de Outubro, que, segundo Candido (2017a, p. 219) definiu, foi “um eixo e um catalisador em torno do qual girou de certo modo a cultura brasileira, catalisando elementos dispersos para dispô-los numa configuração nova”. Assim, embora não se possa falar em “socialização ou coletivização da cultura artística e intelectual”, dados os empecilhos impostos pelas condições econômico-sociais às classes menos privilegiadas, não há dúvida de que após os agitados anos do decênio de 1930 e início de 1940, no Brasil, houve certo “alargamento de participação dentro do âmbito existente, que por sua vez se ampliou” (CANDIDO, 2017a, p. 220).

Nessa direção, ao lembrar quais foram as principais determinações do processo de formação cultural brasileira que influenciaram a sua trajetória teórica e política, Antonio Candido (2011, p. 5) afirmava se considerar um "produto" da atmosfera reinante nas décadas de 1930 e 1940. O autor lembra ainda que, nesse período, tanto no âmbito da esquerda quanto da direita, a preocupação com as questões sociais havia assumido um lugar de destaque no horizonte da maioria dos intelectuais que, de alguma forma, tiveram que lidar com os efeitos da Revolução de Outubro e, principalmente, com o Estado Novo – ambos condicionados pela crise capitalista de 1929 e que viriam na esteira da Segunda Guerra Mundial. Contudo, naqueles anos, especialmente na capital paulista, além do pensamento de esquerda, majoritariamente marxista e comunista, que atingiu setores mais restritos, como professores universitários, escritores e políticos; formou-se também um tipo de pensamento radical de classe média, mais amplo e heterogêneo, e que envolveu grande parte dos estudantes universitários, professores secundários e funcionários públicos de baixo grau hierárquico. Na visão de Candido (2011, p. 5), esse novo tipo de pensamento radical que começava a se delinear nas camadas médias da sociedade, além de representar um “enorme progresso” ideológico, foi, de fato, “a primeira vez que surgiu de modo ponderável uma visão não-aristocrática do Brasil”. Necessariamente, no campo das pesquisas acadêmicas, tal visão significou uma revisão crítica de alguns dos principais estudos sociais de nosso cânone, que, na visão do autor, pecavam por certa ideologia “patrioteira,” como, por exemplo, as obras de Gilberto Freyre e Oliveira Vianna.

Com o passar das décadas e do calor do momento, o radicalismo pode ser interpretado como uma possibilidade viável ou como um fermento transformador da realidade paulista da primeira metade do século passado. Todavia, em linhas gerais, o radicalismo não foi propriamente um pensamento revolucionário, uma vez que não se identificou, senão em partes, com os interesses específicos das grandes massas trabalhadoras. Conforme Candido (2017b, p. 196) notou, em uma linha próxima à estabelecida pelo pensamento marxista, o radical médio não foi capaz de aderir completamente às expectativas do “extrato potencialmente revolucionário da sociedade”. Para que isso fosse possível, os partidários dessa tendência deveriam, por exemplo, endossar a completa dissolução do Estado burguês ou a coletivização da produção e das riquezas, atitudes essas que, direta ou indiretamente, comprometeriam os privilégios que constituíam a base de sustentação de sua própria classe. No plano ideológico e cultural, bem como no plano político, o que normalmente sobressaiu desse impasse foi uma forte tendência à harmonização e à conciliação de classes, o que acabou por suplantando qualquer possibilidade efetiva de revolução.

Nesse sentido, a formação política e intelectual do jovem Antonio Candido começou a se moldar no contexto do pensamento radical que predominava nos anos 30. Embora relativa, essa radicalização de ideias pode, até certo ponto, auxiliar a compreender como o autor adquiriu conhecimento e como se relacionou com os preceitos ideológicos, filosóficos e estéticos do marxismo, que gradualmente começava a se estabelecer no país. Na perspectiva candidiana, os elementos decisivos e as condições institucionais propícias à formulação dessas ideias radicais de esquerda têm a ver, em boa medida, com a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1934. Assim, Antonio Candido, participando dos cursos preparatórios oferecidos pela instituição desde 1936, e mais tarde, estabelecendo uma conexão definitiva ao ingressar como aluno regular de graduação, além de assumir posteriormente cargos de docência e chefia de departamento, observou que a Faculdade, quase por instinto, manteve-se fiel ao pensamento radical da época. Nas palavras de Candido (2011, p. 5), “isso representou um grande avanço em relação ao que eram as faculdades brasileiras, que, na melhor das hipóteses, formulavam ou abrigavam posições liberais tradicionais, e, não raro, eram guiadas por um pensamento reacionário”.

É importante considerar também que a própria origem da Faculdade está ligada a uma tendência de pensamento liberal e progressista que, com o tempo, se radicalizou e assumiu trajetórias mais alinhadas com a esquerda, afastando-se, por assim dizer, de suas raízes. Segundo a concepção de seus fundadores, com destaque às figuras de Fernando de Azevedo e Júlio de Mesquita Filho, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo se destinaria, inicialmente, a “fornecer os quadros do magistério secundário, a unificar os cursos básicos da Universidade e a cultivar o *saber desinteressado*” (CANDIDO, 2017c, p. 229, grifo nosso). Para tanto, acreditava-se na necessidade de recrutamento de professores estrangeiros a fim de compor, principalmente, seus quadros de ciências humanas, ao passo que também era uma preocupação flagrante dos fundadores evitar a infiltração de ideologias conservadoras mais agressivas, tão em voga na Europa à época, principalmente na Alemanha do *Führer* e na Itália do *Duce*. Assim, imbuída de certo senso liberal, a direção da novíssima Faculdade encontraria na França, então ameaçada pelas tropas da *Wehrmacht*, intelectuais de pensamento democrático que se encaixariam sob medida naquela procura por um saber desinteressado, desse modo, os jovens docentes recrutados já estariam, de alguma maneira, alinhados com o programa pretendido pelos fundadores, ou seja, um pensamento essencialmente de orientação liberal e antitotalitário.

O que os diretores e fundadores não contavam era que, devido ao agravamento das tensões provocadas pela Segunda Guerra Mundial, os professores recrutados no exterior trouxeram consigo uma forte inclinação política e cultural em direção às ideias de esquerda. Para Candido (2007b, p. 95), essa tendência predominante entre os docentes estrangeiros tem a ver diretamente com o curioso destino da própria Faculdade, uma vez que ela se tornou uma “combinação dos valores da burguesia, querendo formar quadros ao seu modo e para seu apoio, e de valores mais gerais veiculados pelos professores franceses, trazendo a visão radical daquela era de *Front Populaire*”, o que se somava “à simpatia pelos republicanos espanhóis em luta contra o fascismo”.

Conforme observamos, na Universidade de São Paulo, para além de uma posição política mais ou menos progressista e voltada ao saber desinteressado, o espírito radical de classe média encontrou na orientação dos novos professores o ambiente institucional propício para a relativa popularização e desenvolvimento de um pensamento crítico científico de aspecto nacional. Isso significou, no âmbito da pesquisa acadêmica desenvolvida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, um relevante direcionamento de esforços no sentido da investigação da cultura e dos problemas sociais mais eminentes à época – em especial os inerentes a região do próprio estado de São Paulo. Com isso, pretendia-se aliar à prática dos pressupostos teóricos importados às particularidades do nosso contexto brasileiro, de modo que, com o tempo, fosse possível um gradual adensamento de ideias capaz de resultar em ângulos de investigação nacional próprios.

De acordo com Candido (2020), tal visada obedecia a alguns pontos centrais de interesse, como: a) um princípio inconformista de pensamento crítico que procurava ir além do dado imediato da realidade, de modo a identificar novas relações e consequências nem sempre evidentes em primeiro plano; b) o desejo de se superar algumas interpretações sociais de teor essencialmente aristocrático, conciliatório ou determinista, para assim possibilitar a visão dos próprios atores sociais pesquisados, como negros, mulheres, operários, povos originários, dentre outros; e c) o direcionamento particular para as possíveis perguntas e respostas acerca dos problemas nacionais, objetivando colocá-los sempre em certa perspectiva antidogmática capaz de desautorizar qualquer interpretação de dependência ou submissão para com os problemas dos grandes centros produtores de conhecimento, ou seja, a Europa.

Longe de ser algo propriamente inédito na história do pensamento brasileiro, a ideia de que nossas particularidades e problemas não só poderiam, como deveriam, ser interpretados a partir de uma perspectiva crítica de caráter dialético, passou a ganhar fôlego e espaço institucional no decorrer da década de 30. Isso se deve em grande parte, como afirmamos, à orientação dos professores estrangeiros e ao empenho de um talentoso grupo de jovens oriundos das mais diversas áreas e inspirados pelo radicalismo. Dentre docentes e discentes, Candido dá ênfase especial a três nomes que, a seu ver, foram essenciais tanto para a formação de uma nova geração de intérpretes do Brasil quanto para o seu próprio itinerário intelectual. São eles os professores de Filosofia e Sociologia Roger Bastide e Jean Maugué, e o crítico de cinema, militante socialista e amigo, Paulo Emílio Salles Gomes. Candido (2011) afirma em diversas ocasiões que haveria um pouco da influência de cada desses três em sua própria orientação política, produção intelectual e, até mesmo, em seu temperamento. A nosso ver, o efeito dessas figuras sobressai ainda em outro sentido muito importante e pouco explorado, isso é, o do primeiro contato sistemático de nosso autor com alguns dos pressupostos marxistas.

Dentre os nomes mencionados, Roger Bastide foi, sem dúvida, a figura de maior destaque para o desenvolvimento das ciências sociais brasileiras no âmbito institucional. Muito disso pode ser creditado aos seus estudos acerca das condições e da organização do homem negro na sociedade paulista do século XX, oportunidade em que, diferentemente do nosso ensaísmo clássico, as análises se desenvolviam sem qualquer forma de personalismo ou nostalgia colonial. Nesse sentido, durante sua atuação no Brasil, Bastide ofertou

aos seus alunos e leitores uma perspectiva metodológica diferente de abordagem e exposição dos temas nacionais. Tanto em seus artigos quanto em seus estudos mais sistemáticos, predominava em sua visada um flagrante pendor literário em que, quase sempre, “entrava neles a visão sociológica como alicerce teórico ou componente interpretativa”; fato esse que fazia do professor “um dos poucos a usar com segurança e felicidade essa combinação difícil” (CANDIDO, 1993b, p. 99). Nas pesquisas de Bastide, segundo o que pontua a leitura de Candido (1993b, p. 99), predominava ainda um critério metodológico singular no sentido de “emitir juízos de realidade, não de valor, afastando o problema de avaliar méritos para ficar nas verificações objetivas”. Assim, ao evitar as facilidades e os perigos dos juízos de valor mais superficiais, a crítica sociológica do francês resguardava para si a complexa função de análise da cultura, o que ultrapassava o lugar comum da mera constatação, da descrição da particularidade ou do fato evidente e de qualquer espécie de juízo de valor. Tratava-se, pois, do respeito às determinações eminentes do próprio objeto de análise, um movimento importantíssimo para o ângulo de natureza dialética sobre o qual a crítica literária candidiana irá se posicionar posteriormente.

Ao constatar em Roger Bastide a combinação adogmática entre sociologia e análise da cultura, bem como a tendência à escrita literária sempre orientada por bases teóricas sólidas e bem estabelecidas, porém nunca rígidas, Candido parece estar, *pari passu*, evidenciando algumas características marcantes que perdurariam em sua própria atividade intelectual. É o que se pode verificar, sem grandes dificuldades, em ensaios importantes, como os famosos estudos acerca dos romances de Manuel Antônio de Almeida e de Aluísio de Azevedo. Nessas ocasiões, o que sobressai é a acertada combinação entre a análise dos recursos estéticos e a sedimentação estrutural de aspectos do processo socio-histórico à época da fatura literária. Tal conjunção de elementos foi capaz de evidenciar, para além da relação dialética entre as instâncias da forma e do conteúdo literário, toda um sistema de afinidades e de esforços interdisciplinares, sem os quais Candido talvez nunca tivesse considerado se não fosse a orientação e o contato direto com a perspectiva de investigação sociológica e estética de Bastide.

Outro professor que teve papel decisivo na formação intelectual de Antonio Candido foi Jean Maugué que, assim como Roger Bastide, integrou a primeira leva de franceses convidados a lecionar na nova Faculdade paulista. Professor das disciplinas da área de Filosofia, Maugué foi, nas palavras de Candido (2001a, p. 15), “o maior professor que já vi, um gênio didático, um expositor elegante, expressivo e penetrante, tinha uma inteligência original, pronta e luminosa, completada pela imaginação fora do comum e o mais incrível senso do auditório”. Apesar da admirável capacidade docente, entretanto, Jean Maugué não chegou a pleitear um doutorado e não possuía um grande repertório de publicações; “estava interessado em compreender a vida, as obras, as pessoas, e despertar nos alunos uma atitude semelhante” (CANDIDO, 2001a, p. 16). Ainda de acordo com as lembranças de Candido (2001a, p. 16), o professor era “meio preguiçoso, acordava tarde, almoçava tarde e tinha um leve toque de esnobismo”, ainda assim, suas aulas tinham certa dimensão ensaística, de modo que “ele começava geralmente como se estivesse hesitando, tateava e de repente engrenava e se punha a expor com uma clareza, uma elegância e uma competência incríveis, tornando interessante qualquer matéria”.

De qualquer forma, Jean Maugüé foi um dos primeiros, e raríssimos, professores de Candido (2001a, p. 17) a realizar estudos mais aprofundados de algumas obras do marxismo: “em 1941, deu Hegel nos dois semestres, recomendando que lêssemos, além de suas obras, *O capital*, [...] e *os Cadernos sobre a dialética de Hegel*, de Lenine”. Era em aulas como essas que a simpatia política do professor pelo comunismo ficava clara, sempre incrementada com histórias sobre as atividades do partido em Paris, nas quais participou junto a operários e outros trabalhadores. Apesar da simpatia, Maugüé era “um marxista muito aberto, coisa raríssima naquele tempo de stalinismo cerrado, mas na política era de uma ortodoxia estrita” (CANDIDO, 2001a, p. 17). Nessa direção, é importante observar o ambiente de forte polarização política à época no Brasil, onde o arrocho se dava sob a batuta da ditadura do Estado Novo, perseguindo tanto socialistas, quanto integralistas, enquanto, no contexto mundial, os regimes nazifascistas e seus simpatizantes também perseguiram quaisquer tendências que não fossem pautadas pelas diretrizes de suas próprias orientações. Sobre isso, Candido (2001a, p. 21) lembra que seus professores italianos eram, em sua maioria, fascistas, já os franceses se dividiam, “mas nós apenas indiretamente ficávamos sabendo qual era a posição ideológica deles”, com exceção apenas de Maugüé, que, naquilo que pode ser interpretado como uma atitude de coragem e até mesmo de radicalismo, “não escondia o seu pensamento”.

Se é possível delinear certo influxo mais formal das ideias e das pesquisas de Roger Bastide no conjunto da obra de Antonio Candido, Jean Maugüé, ao contrário, porém não menos importante, desempenhou uma espécie de papel paralelo, estendendo sob seu alunado algo mais próximo a uma conduta intelectual pautada por uma heterodoxia crítica. Noutras palavras, Maugüé ajudou a consolidar nos jovens universitários uma visão de mundo característica que se mantinha sempre aberta à possibilidade de aproximação com outras ideias, independentemente da área de atuação, filiação política ou intelectual, bem como, e acima de tudo, também se preocupava com a emancipação da inteligência humana, livre de amarras e dogmas.

Isso posto, percebe-se que tal influxo intelectual se trata de uma sensibilidade muito refinada que se insinuou não apenas na relação direta entre Maugüé e seus alunos, mas, também, no convívio entre os próprios discentes. Essa sensibilidade se constituiu com naturalidade, de modo que o mundo que ali se revelava acontecia por uma infinidade de pequenas e surpreendentes brechas do convívio social, à época tão fechado e vigiado pela ditadura estadonovista. É o que afirma Gilda de Mello e Souza (2020, p. 113), uma das alunas da “fase heroica” da Faculdade e para quem “os intervalos dos cursos, a troca de opiniões, a confissão mútua de projetos e dúvidas, tudo que foi cimentando o respeito e a amizade que nos fez tão companheiros pelo ano afora”. Gilda de Mello (2020) reforça ainda que, apesar das muitas faces dessa rica interação entre os alunos, o elemento agregador do conjunto de afinidades e circunstâncias eram as aulas foi a personalidade instigante e inquieta do professor Maugüé

Em primeiro lugar éramos todos discípulos de Maugüé; em seguida, tínhamos todos mais pendor literário que filosófico; em terceiro lugar — e descontados os matizes variados — éramos todos esquerdizantes; e, por último, tínhamos origens sociais equivalentes [...]. Essas injeções nos davam um *ar de família*, um viés definido de enxergar o real, uma sensibilidade atenta, mas partidária e um pouco ácida. [...] Foram essas afinidades que nos uniram e alimentaram o nosso convívio diário (SOUZA, 2020, p. 114, grifo nosso).

O “ar de família” que pairava às voltas do professor Jean Maugué e do grupo de Candido e Gilda, bem como o diletantismo desses estudantes nas mais variadas áreas do conhecimento, resultou, no ano de 1941, na fundação da revista de cultura *Clima*.³

Direta ou indiretamente todos os integrantes da revista pertenciam à USP e se ligavam de alguma maneira ao círculo próximo de Jean Maugué, um exemplo claro é a figura decisiva de Paulo Emílio Sales Gomes. Além disso o grupo compartilhava da perspectiva do professor de que a filosofia “interessava sobretudo como reflexão sobre o cotidiano, os sentimentos, a política, a arte, a literatura” (CANDIDO, 2007c, p. 149). Para Heloísa Pontes (1998), a revista se ligava ainda à defesa aguerrida de uma plataforma intelectual muito específica compartilhada pelo grupo ou, ao menos, por seus membros mais atuantes politicamente. Tal plataforma almejava a consolidação e a profissionalização da posição do intelectual acadêmico, livrando-os das amarras impressionistas sob a qual a análise da cultura, majoritariamente, no Brasil, há muito tempo se via refém.

Essa preocupação com autonomia intelectual brasileira fez com que a revista se diferenciasse também em relação às publicações estritamente acadêmicas da época, em especial às pesquisas empreendidas pelos cientistas sociais “profissionais” vinculados à USP. Essa diferenciação não ocorreu apenas na escolha dos assuntos, que eram muito mais abrangentes e desinibidos nas páginas da *Clima*, mas, sobretudo, na forma de exposição e tratamento aplicados aos temas selecionados. Como nos mostra Heloísa Pontes (1998, p. 215) “no lugar do estudo monográfico especializado” o grupo optava pela escrita ensaística e as visadas mais amplas, com isso almejavam construir uma plataforma intelectual preocupada capaz de dar conta da “localização do objeto cultural num sistema abrangente de ligações e correlações” que nem sempre era contemplada nas publicações acadêmicas.

Para Candido (2002a, p. 240), a atuação de seu amigo Paulo Emílio foi essencial para a politização da *Clima*, uma politização que se deu mais ao nível das pessoas do grupo do que apenas na publicação dos artigos, embora, inegavelmente, isso também tenha ocorrido em certo grau. Sem dúvida, assim como Jean Maugué, Paulo Emílio exerceu sobre o grupo *Clima* uma certa liderança assistemática ao encaminhar as tendências difusas de esquerda a uma direção mais política e prática do que necessariamente teórica e professoral. À época, ainda segundo às palavras de Candido (1986, p. 55), a maioria dos estudantes da nova Faculdade eram “praticamente apolíticos, apesar da aversão ao Estado Novo e, nalguns, um vago sentimento socialista sem consequência”. Entretanto, apesar da importantíssima contribuição dessa figura de liderança, ela deve ser compreendida sem exageros ou afetações, uma vez que se faz necessário observar em que medida as memórias de Candido não se confundem com a imagem idealizada de seu amigo que ele próprio ajudou a compor. Caso contrário a tendência é de certa idealização de Paulo Emílio, o que seria superdimensionar uma figura que já possui inegável importância para o ambiente cultural paulista da década de 1930.

Nesse sentido, o tom laudatório das falas de Candido deve ser mediado e colocado em perspectiva coerente com o efervescente contexto político e cultural da época. Pois, além de revelar ao grupo *Clima* o novo mundo das artes cinematográficas, inacessível para a maioria até então, Candido (1997) afirma que o

amigo foi quem primeiro lhes revelou a possibilidade de uma posição política de esquerda que não fosse necessariamente nem stalinista, nem trotskista. Essa maneira de entendimento e de participação política, nomeada por Candido (2006, p. 9) como “socialismo independente”, se diferenciava das diretivas partidárias disponíveis pelo fato de não ignorar as deturpações e as degenerescências do regime de Stalin; ao passo que também não demonizava a teorização política de Trotsky, atitudes estas interpretadas como verdadeiros sacrilégios pelo “marxismo oficial”. Porém, diferentemente do que pode parecer a partir do quadro que as memórias de nosso autor ajudam a compor, lembramos que esse “socialismo independente” não foi algo propriamente inédito, quer dizer, tratava-se na verdade de uma tendência que paulatinamente ganhava corpo na experiência de muitos outros militantes da esquerda socialista brasileira e mundial. Especificamente nos quadros do PCB, por exemplo, a exigência por certa autonomia em relação as diretivas estrangeiras acabariam por culminar, dentre outros tantos motivos, na cisão que deu origem ao Partido Comunista do Brasil em 1962.

Essa conduta de um “socialismo independente”, ao passo que corroborava para arejar o pensamento de esquerda vigente, foi ainda, em certa medida, a responsável, por inserir Candido e seus companheiros da *Clima* em uma posição muito específica de entrelugar ante aos espectros políticos à época. Fato que provocou ataques tanto da direita, incitados pela ditadura varguista e apoiados na perseguição institucional às ideias socialistas, quanto da própria esquerda, capitaneados pelos quadros mais radicais e agressivos do PCB, que se viam acuados pela possibilidade de disputa e conseqüente perda da hegemonia do pensamento marxista do qual consideravam ser os únicos e verdadeiros exegetas.

O intelectual sob dois fogos

Em entrevista concedida em 1974 à revista de filosofia da UNESP *Trans/Form/Ação*, Antonio Candido delinea a própria produção teórica dividindo-a em três etapas gerais e esquemáticas que se interrelacionam e se complementam. Para isso, o que é compreensível, o autor teve que simplificar grande parte de suas ideias, concedendo-lhes coerência “maior do que de fato tiveram”, já que ele considerava sua própria trajetória regida essencialmente por “preocupações muito empíricas”, ou seja, por interesses guiados antes pela aplicação prática crítica do que pela discussão teórica (CANDIDO, 2011, p. 3). Todavia, apesar da dificuldade inerente à esquematização de uma “linha teórica básica” que desse conta de toda sua longa e profícua atividade, a seriação elaborada por Candido (2011) tem o mérito de oferecer um itinerário plausível e coerente da sua própria formação, além de mencionar algumas leituras, relações pessoais e fatos históricos que foram importantes, em algum momento e de algum maneira, para a acurácia de sua visada crítica de literatura, sociedade e, conseqüentemente, da complexa relação existente entre elas e a tradição do materialismo histórico dialético, o que nos interessa especialmente.

A primeira das etapas do percurso intelectual de Candido que merece destaque corresponde às décadas de 30 e 40 do século passado. Segundo o próprio autor, durante esses anos, seu foco estava essencialmente voltado para a elaboração e prática de uma crítica literária preocupada, sobretudo, com a análise dos condicionamentos e causas atuantes no processo de composição artística. Neste período, a

investigação empreendida pelo jovem Candido (2011, p. 3) ainda tateava às voltas com o nível da explicação literária, de modo que as obras lhe interessavam apenas a partir da maneira como elas se ligavam a “um determinado sistema de condicionantes do meio, e na medida que influíam umas sobre as outras, sobretudo na dimensão do tempo”. Naquele início dos anos 40, apesar de já escrever rodapés semanais de crítica para os jornais *Folha de São Paulo* e o *Diário de São Paulo* e de ser responsável pela área de literatura da revista *Clima*; o Candido ainda se encontrava profundamente envolvido com o departamento de Ciências Sociais da USP, onde havia assumido o cargo de assistente do seu professor Fernando de Azevedo na cadeira de Sociologia II. Esse vínculo, em certa medida, pode nos apontar as razões para o interesse mais voltado para a Sociologia do que para a Estética da obra de arte, uma vez que, afinal de contas, Candido ainda não havia direcionado completamente sua carreira para o campo dos Estudos Literários, tratava-se, pois, de um irregular momento de transição.

No que concerne ao contexto específico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Candido (2011, p. 4) lembra que o marxismo ali praticado, na maior parte das vezes, era de caráter “extremamente positivista”. Como nos informa o autor, ele e os seus contemporâneos tomaram contato com a tradição essencialmente por intermédio de livros de divulgação ou polêmica, como, por exemplo, o “*Anti-Dühring*, de Engels, o resumo d’*O Capital*, feito por Gabriel Deville, o *Tratado de materialismo histórico*, de Bukharin etc.” (CANDIDO, 2011, p. 4). Com efeito, resultava dessas raras leituras e das pouquíssimas traduções disponíveis em nosso mercado editorial uma interpretação quase sempre esquemática que, por conta de seu caráter hermético e predeterminado, se aproximava bastante de uma visão intelectual sumariamente positivista - algo que não foi majoritariamente superado senão com muito esforço e com certa dose de diletantismo pelas gerações posteriores de professores e alunos. Tal fato, porém, não pode ser levado em consideração sem que se sublinhe, ainda, a maneira como a corrente ortodoxa do marxismo pautou as ideias de esquerda no país por intermédio da atuação do PCB e de seu aparato político-intelectual, o que merece comentários.

Para Antônio Albino Canelas Rubim (2007, p. 374), em nosso país, durante parte significativa de sua história, o marxismo teve “existência simbiótica com o Partido Comunista do Brasil (PCB)”, de maneira que, “de 1922, até, pelo menos, 1956, [...] alguns intelectuais esparsos rivalizaram com o partido”. Havia ainda outros obstáculos consideráveis para o exercício do livre pensamento de esquerda, como a indiferenciação do campo intelectual que, grosso modo, se traduzia na lenta formação desses intelectuais como estrato social específico. Trata-se de algo que, de fato, só começaria a ocorrer de modo sólido no final de 1930 com a gradual modernização da sociedade, em especial, a partir da ampliação do Estado e de suas atribuições de bem-estar social, inclusive, como vimos, no campo da educação superior, com a fundação da USP e a emergência de um circuito cultural fundado no mercado do livro. Dessa maneira, ainda que o ambiente de radicalização política de determinada parcela da classe média brasileira favorecesse a circulação das ideias de esquerda, o fato era que essa propagação se dava em ambientes pouco propícios ao verdadeiro pensamento crítico. Sendo assim, na maioria das vezes, o esforço intelectual tendia ao esquematismo, ou mesmo à transplantação *ipsis litteris* de teorias e interpretações de outros contextos para a realidade brasileira,

especialmente a europeia. Isso fica evidente, por exemplo, nas interpretações sobre um suposto passado feudal de nosso país e nas visões dualistas da nação que foram popularíssimas à época.

Um dos raros e atrevidos sopros de exceção neste debate intelectual engessado foram as publicações da revista *Clima* e a atuação de seus integrantes. Todavia, esse percurso não ocorreu sem conflitos ou contradições internas. Conforme observado por Heloísa Pontes (1998, p. 116), de maneira geral, a atuação do grupo em termos de consciência social foi marcada por uma “visão elitista”. Mesmo que fossem simpáticos em relação às camadas menos favorecidas, isso ocorreu dentro do contexto do já mencionado “radicalismo de classe média” que estava presente na década de 1930. Portanto, os críticos agiam até onde os limites do privilégio de suas classes permitiam, mas não além disso. O que não significou, naturalmente, um feito menor; afinal, o debate cultural paulista estava se tornando mais profundo.

Nesse sentido as críticas ao grupo em volta da *Clima* também vieram do lado de uma esquerda mais radicalizada, nas palavras de Candido (2006, p. 14): “enfrentávamos um partido Comunista numeroso, aguerrido e violento, que não apenas procurava nos desmoralizar no plano do discurso falado e escrito, mas podia chegar à agressão material, como no caso de umas barracas eleitorais nossas que foram destruídas”. Entre esses dois fogos portanto, nas trincheiras do trabalho intelectual, a atuação prática do grupo seguiu seu caminho por 16 números, de abril de 1941 a novembro de 1944, sem jamais rebaixar o nível das discussões e sem a menor pretensão de inserção passiva do povo no âmbito da cultura e da política. Quer dizer, não havia a intenção de popularização da revista por meio de uma tutela populista, algo que era comum à visão dos diversos espectros políticos, fossem eles liberais, socialistas ou francamente reacionários.

Além dos artigos da *Clima*, como bem destacou Roberto Schwarz (1999), o período inicial da atividade intelectual de Antonio Candido entre 1941 e 1947 envolveu também a publicação de mais de cento e cinquenta textos, a maioria deles na forma de crítica literária de rodapé. Para Schwarz, (1999, pp. 9-10), “unidos pelo propósito militante de ampliar a compreensão da atualidade”, esses breves escritos se fazem notar pela “vizinhança entre a produção local e as grandes tendências contemporâneas em arte, política e filosofia”. Neles, além da discussão sobre autores brasileiros já consagrados, localizamos também notas críticas acerca da estreia de escritores como Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto, além dos debates sobre os procedimentos poéticos de T. S. Eliot e, até mesmo, uma resenha sobre a autobiografia de Leon Trotsky⁴ — texto que forneceu ainda mais munição aos detratores de Candido e seu grupo, acusados de traição ao “verdadeiro marxismo”, bem como de elitismo pequeno burguês, trotskismo etc. O programa desses primeiros escritos, além de oferecer um prisma por onde se avaliar o processo cultural brasileiro, apoiando-se tanto no debate literário quanto na pesquisa acadêmica, assume a forma de uma tentativa bem sucedida de “desprovincianização e clarificação da cena cultural”, assim, manifestando uma atitude democrática, antifascista e anti-stalinista, da qual o autor e o seu grupo foram pioneiros à época (SCHWARZ, 1999, p. 10).

A segunda etapa da formação intelectual de Antonio Candido (2011) é, até certo ponto, antitética à primeira. Se, inicialmente, a atenção do crítico esteve voltada aos condicionamentos e causas sociológicas aplicadas ao nível da “explicação” das obras, a etapa seguinte foi marcada pela questão da “funcionalidade”

desses elementos em uma determinada organização. Quer dizer, agora, não apenas interessava “a sequência temporal dos eventos ou das obras e seu encadeamento”, mas também “a pertinência dos traços de um determinado sistema” (CANDIDO, 2011, p. 4). Especificamente, o interesse pela funcionalidade dos elementos sociológicos implicou em uma significativa mudança de enfoque em relação à pertinência dos elementos formais e temáticos a partir de um conjunto relativamente coeso e articulado de tradição literária. Além disso, esse ajuste de rotas e objetivos constituiu um marco significativo na transição de Candido entre as áreas da Sociologia, onde atuava como professor assistente na USP, e da Literatura, onde já desempenhava a função de crítico em jornais e revistas. Também data desse período as primeiras aproximações mais sistemáticas e coerentes entre áreas da Antropologia Social Inglesa, de nomes como Bronislaw Malinowski e Alfred Radcliffe-Brown, às análises literárias essencialmente formalistas, em especial às ideias e concepções inspiradas na questão da tradição, proposta pelos estudos de T. S. Eliot, e pelos métodos de leitura cerrada dos textos, conforme os oferecidos pelo *New Criticism*.

A discussão desse segundo período não estaria completa sem que mencionássemos o estudo sociológico: *Os parceiros do Rio Bonito* (1964). Esta tese de doutoramento, desenvolvida entre 1948 e 1954, coincidindo temporalmente com a elaboração de *Formação da Literatura Brasileira*, escrita entre 1946 e 1957, foi defendida e aprovada em 1954, mas publicada somente uma década mais tarde. Para Luiz Carlos Jackson (2001, p. 128), o estudo representa a contribuição mais importante de Candido à sociologia brasileira, podendo ser aproximada dos clássicos ensaios do pensamento social brasileiro, ao lado de nomes como Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque e Caio Prado.

O estudo d’*Os parceiros do Rio Bonito* (1964) focaliza, primordialmente, um grupo de trabalhadores rurais da Fazenda Bela Aliança, situada em Bofete, interior de São Paulo. Nesse contexto, Candido, preocupado com as mudanças na sociedade caipira decorrentes da urbanização, identifica na modalidade de trabalho desses homens, a parceria, o elemento que viabiliza uma extensa pesquisa etnográfica que lhe permitiu identificar um ponto intermediário entre o caipira, o sitiante autônomo e o trabalhador assalariado. De acordo com a leitura de Jackson (2001, p. 129), o objetivo explícito da pesquisa era “buscar elementos que permitissem entender a assimilação do caipira pela sociedade abrangente”, entretanto, o livro tem outro importante mérito que deve ser ressaltado, tratando-se ainda de “uma reconstrução histórica do ‘mundo’ caipira desde os primórdios da colonização em São Paulo”.

No prefácio do livro, o autor destaca a influência de alguns intelectuais que embasaram suas investigações, mencionando figuras como Karl Marx, Redfield, Audrey Richards, Malinowski, Lévi-Strauss e Sérgio Buarque. Quanto à influência de Marx, especificamente, Candido (2001b, p. 14) menciona a primeira parte d’*A ideologia alemã* (1932) e atribui ao pensador alemão “a consciência da importância dos meios de vida como fator dinâmico, tanto da sociabilidade, quanto da solidariedade que, em decorrência das necessidades humanas, se estabelece entre o homem e a natureza, unificados pelo trabalho consciente”. Essa relação dinâmica entre trabalho e sociedade evidencia que a preocupação central do estudo, a situação dos caipiras de Bofete, seria abordada ali por meio de um método de análise vincado, de alguma maneira, pelo

materialismo histórico-dialético que direciona a observação para a maneira como o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual do homem.

Um dos exemplos dessa abordagem metodológica pode ser identificado, por exemplo, no momento em que a análise procura estabelecer uma relação entre a recorrência da imagem do boi e sua respectiva representação nos mitos e nas narrativas caipiras. O objetivo é evidenciar como a dimensão real da fome influencia diretamente a formação das imagens simbólicas desse grupo. Na leitura de Celso Lafer (1979, p. 78), este é um bom exemplo de como Antonio Candido mostra, a partir da perspectiva dos dominados, “a relação entre realidade e cultura, indicando como o nomear das coisas é a forma humana de apropriação do mundo”. Em relação às outras influências mencionadas, é possível notar a influência das leituras sobre Antropologia apresentadas a Candido por Emílio Willems. Além disso, destaca-se a orientação constante de Roger Bastide, que não apenas auxiliou na seleção do tema, mas também na forma como seria elaborado e concebido. Essa orientação representou uma espécie de equilíbrio entre o rigor científico e acadêmico e a sensibilidade individual do pesquisador.

A última fase da formação intelectual delineada por Antonio Candido compreende o decênio de 1960 em diante, período marcado por uma preocupação teórica subordinada ao anterior interesse pela estruturação literária. Nas palavras do autor, durante essa fase em especial, havia não apenas o interesse pela estrutura propriamente dita, mas também pela sua estruturação, ou seja, “o processo por meio do qual o que era condicionante se torna elemento interno pertinente” (CANDIDO, 2011, p. 4). Diferentemente dos momentos anteriores, a preocupação central do crítico agora não se detinha apenas na busca dos condicionamentos do meio, tampouco na identificação da funcionalidade das obras literárias em um determinado sistema de relações, sistemas e tradições. Predominava, na verdade, uma dinâmica de análise que almejava considerar o processo de estruturação artística, no qual o artista, ciente ou não, era capaz de configurar esteticamente os dados da realidade imediata que lhe inspirava. Noutras palavras, o interesse primordial é o aprofundamento daquele complexo processo de laboração artística através da qual o elemento externo se torna elemento interno à obra, tenuamente delineado na segunda etapa. É importante ressaltar ainda que, nessa etapa, o interesse pela funcionalidade permanece uma tônica importante. Entretanto, ao contrário da preocupação de cunho estruturalista do momento anterior, que se debruçava essencialmente sobre a pertinência dos traços de um determinado sistema, a pergunta que Candido (2011, p. 4) procura responder agora é, ao mesmo tempo, de simples elaboração e de complexo desenlace: “como a estrutura se estrutura?”.

Essa espinhosa questão, conforme Candido (2011) recorda, não constitui necessariamente uma novidade nos estudos literários. No itinerário formativo proposto, nosso autor lembra que, à época, a sua própria resposta ao problema esteve muito próxima das formulações de estrutura literária sedimentada por elementos sociais apresentada pela estética marxista de Georg Lukács. Entretanto, Candido sublinha que, apesar de ter travado um breve contato com as traduções em italiano da obra lukacsiana, ele não estava totalmente consciente dessa possível afinidade quando pela primeira vez formulou publicamente a preocupação sobre o processo de “estruturação das estruturas”. Tal ocasião a que Candido se refere é o II

Congresso de Crítica e História Literária realizado na Faculdade de Assis, no interior de São Paulo, em 1961 — evento que contou ainda com a intervenção “A crítica sociológica”, de Adolfo Casais Monteiro, tratando de críticos marxistas como Gueorgui Plekhanov e o próprio Georg Lukács. Desse congresso, resultou o principal das ideias que seriam desenvolvidas por Candido em “Crítica e sociologia”, importante texto que integrará, posteriormente, o livro *Literatura e sociedade*, de 1965.

Especificamente, é nesse estudo que encontramos enunciada pela primeira vez a síntese do processo de formalização estética dos elementos sociais, colocado por Candido (2023b), no sentido de que o social, embora não seja apenas causa ou significado, importa como elemento que desempenha papel importantíssimo na constituição da estrutura de um objeto literário, tornando-se, assim, interno. Posto de outro modo, o elemento social agora não é tomado simplesmente como possível indicação temática ou enquadramento contextual externo à obra, mas como um importante fator da construção interna da própria estrutura literária. Trata-se de uma interpretação estética que não ignora ou subestima a dimensão social como fator essencial da composição artística, procurando relacioná-la, sempre, em um processo dialeticamente íntegro.

Como bem observa Edu Teruki Otsuka (2009, p. 106), em Candido, “essas formulações não eram meramente proposições metodológicas”; eram também o resultado da percepção da insuficiência de uma crítica estritamente sociológica que predominava na época, falhando ao não explorar a complexa relação entre as instâncias da forma e do conteúdo que compõem a estrutura das obras literárias de maneira mais aprofundada. A crítica candidiana à tal insuficiência analítica encontra-se textualmente expressa já no prefácio à terceira edição de *Literatura e sociedade* (1965), momento em que Candido (2023a, pp. 9-11) afirma que o intuito primordial dos textos ali reunidos era o de superar os usuais estudos “paralelísticos”, que consistiam essencialmente em mostrar, “de um lado, os aspectos sociais e, de outro, a sua ocorrência nas obras, sem chegar ao conhecimento de uma efetiva interpenetração”. Como o autor discutirá no livro, nesse tipo de análise literária, ultrapassada em várias dimensões, os aspectos sociais da literatura eram considerados meramente como elementos paralelos e relacionados ao fator externo. Na melhor das hipóteses, a disposição desses elementos servia apenas para confirmar o que já havia sido explorado por outros campos Sociologia ou da História, o que, conseqüentemente, minava qualquer valor de compreensão da própria criação artística enquanto trabalho de elaboração estética. Portanto, conforme resumiu Edu Otsuka (2009, p. 107), “a crítica paralelística não chega a levar a sério o valor cognitivo da forma literária, pois não demonstra de que modo a literatura produz conhecimento nos seus próprios termos”.

Ao se posicionar na direção oposta às tendências redutoras, como as estritamente formalistas, historicistas e sociológicas, entre outras, Candido também resistiu ao influxo de análises literárias fundamentadas em uma concepção simplista do materialismo histórico dialético, que estava em voga no país nas décadas de 1960 e 1970. Quer dizer, o crítico soube contornar uma abordagem marxista excessivamente mecanicista na qual a interpretação do valor e da natureza da produção estética era praticamente reduzida à forma como as obras lidavam, ou não, diretamente com alguns temas políticos e ideológicos previamente determinados. É o caso, por exemplo, de grande parte dos estudos de Astrojildo

Pereira e Nelson Werneck Sodré, críticos que, apesar do pioneirismo em um contexto com pouca ou nenhuma circulação de estudos sobre a crítica e a estética marxista, não conseguiram ir além do que já era amplamente demonstrado por outras correntes de análise literária disponíveis.

Considerações finais

À guisa de conclusão, deve ser levado em conta que Antonio Candido (1997, pp. 16-17) nunca reivindicou para si a pecha de um intelectual marxista, ao contrário, conforme o próprio afirmou em entrevista, tratava-se de uma relação cuidadosamente mediada: “embora eu não me considere marxista, nunca me considere marxista, mesmo porque o meu conhecimento do marxismo é superficial, sempre tirei muitos elementos de análise do marxismo”. Assim, conforme almejou demonstrar o presente esboço de itinerário intelectual, a influência do marxismo sobre a obra e a visão de mundo do crítico literário consistiu em uma relação marcada por aproximações e distanciamentos, nunca de adesão ou repúdio intransigentes. Isso significa que, no âmbito de tal movimento, alguns pressupostos centrais dessa tradição vêm à lume, ora como apenas mais um elemento teórico, metodológico ou conceitual na miríade de relações mobilizadas pelo autor; ora como a pedra fundamental que sustenta todo um engenhoso edifício que versa sobre a análise e o ensino da literatura.

Nessa direção, torna-se límpido o fato que, no conjunto da profícua obra de Antonio Candido, a presença e a influência das ideias marxistas dificilmente podem ser ignoradas, ao passo que, também dificilmente podem ser enquadradas nas maneiras mais usuais e ortodoxas de interpretação. Portanto, seja na seara das investigações estéticas da arte, ou no campo da militância política, áreas que se relacionaram intimamente nas balizas do intelectual, à exemplo do que foi sua decisiva participação na revista *Clima*, os postulados marxistas desempenharam um papel altamente relevante, específico e inovador. Afinal, como este artigo almejou pontuar, no lugar da repetição mecânica, adialética e ahistórica de qualquer espécie de mandamento cristalizado, Antonio Candido propôs, na prática do seu exemplar texto ensaístico, uma visada de mundo sensível aos desdobramentos das complexas interações existentes entre as instâncias das criações artísticas e dos problemas pulsantes da sociedade brasileira.

Referências:

- ARRIGUCCI JR., Davi. Movimentos de um leitor. *In*: D'INCAO, Maria Angelo; SCARABÓTOLO, Eloísa Faria (org.). **Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido**. São Paulo: Companhia das Letras: Instituto Moreira Salles, 1992. cap. Crítica e Ensaio, p. 181-204.
- CANDIDO, Antonio. Informe político. *In*: CALIL, Carlos Augusto; MACHADO, Maria Teresa (org.). **Paulo Emilio: um intelectual na linha de frente**. São Paulo: Editora Brasiliense: EMBRAFILME, 1986. cap. 2. O militante político: radicalidade e compromisso, p. 55-71.
- CANDIDO, Antonio. Os vários mundos de um humanista: (entrevista com Antonio Candido). **Ciência Hoje**, São Paulo, v. 16, n. 91, p. 581-602, 1993a. Disponível em: <https://canalciencia.ibict.br/ciencia-brasileira-3/notaveis/304-antoniocandido#entrevista-concedida-a-gilberto-velho-e-yonne-leite-museu-nacional-ufjr>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- CANDIDO, Antonio. Roger Bastide e a literatura brasileira. *In*: CANDIDO, Antonio. **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993b. p. 99-104.

CANDIDO, Antonio. Literatura, sociologia, educação. **Revista Investigações: Linguística e Teoria Literária**, Universidade Federal de Pernambuco, v. 7, p. 7-39, setembro 1997.

CANDIDO, Antonio. Entrevista com Antonio Candido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 47, p. 5-30, 2001a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000300001>. Acesso em: 2 nov. 2023.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 31, 2001b.

CANDIDO, Antonio. Plataforma da nova geração. *In*: CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. Org. Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002a. cap. III. Conduta, p. 237-250.

CANDIDO, Antonio. Entrevista. *In*: JACKSON, Luiz Carlos. **A tradição esquecida**: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002b. p. 148-176.

CANDIDO, Antonio. Socialistas, comunistas e democracia no pós-guerra. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 11, n. 20, p. 7-21, 2006.

CANDIDO, Antonio. Teresina e os seus amigos. *In*: CANDIDO, Antonio. **Teresina etc.** 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007a. cap. I. p. 11-74.

CANDIDO, Antonio. Feitos da burguesia. *In*: CANDIDO, Antonio. **Teresina etc.** 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007b. cap. II. Diversos, p. 89-98.

CANDIDO, Antonio. Clima. *In*: CANDIDO, Antonio. **Teresina etc.** 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007c. cap. II. Diversos, p. 141-156.

CANDIDO, Antonio. Entrevista com Antonio Candido de Mello e Souza. **Trans/Form/Ação**: Revista de Filosofia, Marília, v. 34, ed. Edição especial, p. 3-13, 2011. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/1058>. Acesso em: 1 nov. 2023.

CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a cultura. *In*: CANDIDO, Antonio. **A Educação pela Noite**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017a. cap. Terceira parte, p. 219-240.

CANDIDO, Antonio. Radicalismos. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017b. cap. Segunda parte, p. 195-216.

CANDIDO, Antonio. A Faculdade no centenário da abolição. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017c. Segunda parte, p. 229-241.

CANDIDO, Antonio. Depoimento. *In*: GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). **Sobre os Primórdios da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020. p. 97-102.

CANDIDO, Antonio. Prefácio à 3ª edição. *In*: CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: Estudos de teoria e história literária. São Paulo: Todavia, 2023a. p. 9-11.

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. (Tentativa de esclarecimento). *In*: CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: Estudos de teoria e história literária. São Paulo: Todavia, 2023b. p. 15-29.

CHIAPPINI, Ligia. Um mestre no ensino e no ensaio. *In*: AGUIAR, Flávio (org.). **Antonio Candido**: Pensamento e militância. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Humanitas/FFLCH/USP, 1999. cap. Perfis de Antonio Candido, p. 52-60.

JACKSON, Luiz Carlos. A tradição esquecida: estudo sobre a sociologia de Antonio Candido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 16, n. 47, p. 127-140, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000300008>. Acesso em 30. nov. 2023.

KONDER, Leandro. A sabedoria humilde na firmeza do engajamento. *In*: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÓTOLO, Eloísa Faria (org.). **Dentro do texto, dentro da vida**: ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras: Instituto Moreira Salles, 1992. cap. 5. Ideias e política, p. 319-324.

LAFETÁ, João Luiz. As poéticas da juventude. In: LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o modernismo**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. cap. A consciência da linguagem (Mário de Andrade I), p. 157-167.

LAFER, Celso. Antonio Candido. In: ARINOS, Afonso et al, (org.). **Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido**. São Paulo: Duas Cidades, 1979. cap. Estudos sobre Antonio Candido, p. 73-88.

OTSUKA, Edu Teruki. Literatura e sociedade hoje. **Literatura e Sociedade**, [S. l.], v. 14, n. 12, p. 104-115, 2009. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i12p104-115. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/25293>. Acesso em: 2 nov. 2023.

PONTES, Heloísa. **Destinos mistos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. In: MORAES, João Quartim de (org.). **História do marxismo no Brasil: Teorias. Interpretações**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. cap. Parte II - Interpretações, p. 373-469.

SCHWARZ, Roberto. Saudação honoris causa. In: SCHWARZ, Roberto. **Sequências brasileiras: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, cap. I, p. 9-17.

SOUZA, Gilda de Mello e. Depoimento. In: GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). **Sobre os Primórdios da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020. p. 113-130.

Notas

¹ Mestre em Estudos Literários (UFG). Pesquisador do Grupo Literatura, Ensaio e Materialismo Dialético (UFG). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9445180194072983>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3342-3312>. E-mail: victorbarros.adm@gmail.com.

² Ainda que não tenha se formado em Direito, Candido (2020, p. 98) destaca a importância da Faculdade para sua formação política e intelectual: “[nela] recebi o ensino de alguns mestres exemplares, mergulhei durante anos numa das melhores bibliotecas de São Paulo e, sobretudo, recebi do ambiente estímulo para definir uma consciência política. Nela me iniciei na atividade contra a ditadura daquele tempo — primeiro, entre colegas liberais; depois, entre colegas socialistas, reunidos para o mesmo combate. A Faculdade de Direito foi a minha escola de cidadania”.

² Na avaliação pessoal do próprio crítico: “Eu diria que depois da minha família e da Universidade de São Paulo, a terceira grande coisa na minha formação foram os meus amigos do grupo de *Clima*. Nós temos a consciência de nos termos formado uns aos outros” (CANDIDO, 1993a, p. 590).

³ A resenha intitulada “Uma vida exemplar” foi publicada em 4 de julho de 1943, na *Folha da Manhã*. Nela, podemos ter uma noção consistente da posição anti-stalinista e da sugestão de um socialismo independente e democrático professado por Candido e tributário direto da influência de Paulo Emílio Salles Gomes.

Recebido em: 5 de dez. 2013

Aprovado em: 16 de jun. 2024